

Literaturas africanas de língua portuguesa*

JOÃO ALVES DAS NEVES
Professor e Crítico Literário de *O Estado de S. Paulo*

Cabo Verde com 300 mil habitantes, Guiné (Bissau) com 600 mil, São Tomé (80 mil), Angola (6.500.000) e Moçambique (9.500.000), antigas colônias de Portugal e hoje países independentes, mantiveram o português como língua oficial, e por isso podemos dizer que é de cerca de 17 milhões o número de pessoas que na África se exprimem em nosso idioma. (1)

Torna-se indispensável esclarecer, porém, que nem todos os habitantes dos cinco jovens países africanos falam o português, o que se explica por serem de diferentes origens étnicas as suas populações. A Guiné, por exemplo, é uma autêntica Babel, pois lá vivem pessoas oriundas de mais de três dezenas de etnias (2) e condições idênticas se verificam em Angola (3) e Moçambique (4). Mas o fato decisivo é que, devido em boa parte à complexidades dos problemas étnico-lingüísticos, o idioma português foi e é o vínculo comum, o traço de união de todas as populações, conforme o reconheceram os dirigentes dos cinco novos países de língua portuguesa. (5)

Dai ao reconhecimento da existência das literaturas africanas de expressão portuguesa é apenas um passo. E não dizemos literaturas negras porque muitos dos seus participantes foram e são brancos, o que não lhes retirou, é evidente, o seu espírito de africanidade. Assim o entenderam, em 1953, Mário de Andrade e Francisco José Tenreiro (o primeiro de Angola e o outro de São Tomé), quando tomaram a iniciativa de compilar um *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, publicado em Lisboa, a partir do qual, começou, de certa forma, a sistematização das literaturas africanas de expressão portuguesa, dispersas por livros, revistas e jornais de difícil acesso.

(*) Comunicação ao VI Encontro Nacional de Professores Universitários de Literatura Portuguesa — Assis, 16 a 18 de agosto de 1978.

Nessa época, só os mais afortunados conseguiam publicar os seus livros, mas houve, neste último quarto de século, uma razoável floração de antologias, algumas excelentes, como foram as editadas em Lisboa através da Casa dos Estudantes do Império, ainda que tenham sido modestas a tiragem e a apresentação gráfica (alguns dos volumes eram mimeografados). E a verdade é que os leitores também não eram numerosos e os críticos contavam-se pelos dedos. Em 1958, ocorreu a internacionalização dessas literaturas, graças à *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, prefaciada e selecionada por Mário de Andrade e editada em Paris (6). Foi um empreendimento relevante, embora o volume tenha sido publicado em português — o que sobreleva ainda mais, de outro lado, a sua significação.

No seu prefácio (“Cultura negro-africana e assimilação”), observou Andrade que o debate em torno das culturas negras, tanto na África como nalguns países africanos, já havia ultrapassado o âmbito da afirmação pura e simples dos valores negros ou do reconhecimento de civilizações que floresceram no continente africano ou ainda da contribuição desses valores para o enriquecimento de outras culturas ditas superiores: “Os intelectuais negros — acrescentou o prefaciador — situam a questão noutra plano e numa outra perspectiva: a) das relações entre o poder e a cultura, isto é, do condicionamento político das culturas negras; b) das possibilidades duma renascença dos valores culturais negros e sua integração no patrimônio universal.” E acentuou ainda que “as possibilidades duma renascença negro-africana só podem ser encaradas numa situação política de independência nacional. Todas as renovações culturais da história se colocam a prazo mais ou menos longo em termos duma emancipação, levada a cabo pelos ‘interessados’.”

Embora não filiando os poetas antologados numa corrente disciplinarmente subordinada ao movimento da negritude, Mário de Andrade (não esquecer que o seu texto é de 1958, quando mal se iniciara a independência das antigas colônias francesas e inglesas), depois de analisar certos aspectos da assimilação, sublinhou que os novos poetas africanos (de expressão inglesa, francesa ou portuguesa) se orientavam “no sentido duma pesquisa literária ‘autenticamente negra’ e duma reivindicação do ‘orgulho escandaloso da qualidade de ser negro’. Todos, com maior ou menor felicidade, se alimentam dum só tema: a noite da opressão colonial. Donde o engajamento político, revolucionário desta poesia que fere a sensibilidade de tanto esteta ocidental. . . Condenada a atingir apenas as minorias africanas, quem ignora que esta poesia terá de ceder lugar a uma outra, ritmada na ‘linguagem nova do futuro’?”

Sem dúvida, quase todos os poetas da antologia eram engajados politicamente e também é verdade que alguns dos versos eram mais política que poesia... De um ponto de vista meramente literário, a linguagem nova do futuro ainda não chegou — os Senghors ainda não apareceram. Agora que acabou “a noite da opressão colonial”, esperamos menos políticos e mais escritores, mesmo sem pedir a estes que mudem de opinião. Mas é preciso que mudem a forma literária.

Voltando, porém, à coletânea de Mário de Andrade, assinalamos que ele nos apresentou 6 poetas de Cabo Verde: Aguinaldo Fonseca, Gabriel Mariano, Pedro Corsino de Azevedo, Ovídio Martins, Osvaldo Alcântara (pseudônimo

do ficcionista Baltasar Lopes) e Jorge Barbosa, esclarecendo-se que os dois últimos fizeram uma literatura da melhor qualidade, sendo por isso dos mais representativos escritores caboverdeanos.

Da Guiné, um só poeta, Terêncio Casimiro Anahory da Silva, que nasceu em Cabo Verde mas viveu entre os guinéus e deles soube traduzir os problemas. De São Tomé e Príncipe, a lista abrangia Alda do Espírito Santo, Francisco José Tenreiro e o precursor Costa Alegre (1864/1980). De Angola, foram reunidos Agostinho Neto, Antônio Jacinto, Geraldo Bessa Victor, Mário Antônio (Fernandes de Oliveira), Viriato da Cruz e o próprio antologador. E de Moçambique foram escolhidos José Craveirinha, Kalungano (Marcelino dos Santos), Noêmia de Sousa e Rui de Noronha. (A título de curiosidade se registra que o volume também antologou o brasileiro Solano Trindade).

Bem mais tarde, em 1975, M. de Andrade insistiu no tema das antologias de 1953 e de 1958 ao organizar a *Antologia Temática de Poesia Africana* (“Na Noite Grávida de Punhais”), volume em que repete, quase *ipsis verbis*, outra coletânea dos mesmos temas, editada em Argel em 1967. Os prefácios é que são diferentes, mas não o sentido: na edição argelina, o prefaciador concluía afirmando que “a poesia africana de expressão portuguesa, fiel ao seu ‘chão’, anuncia já o mundo novo da libertação dos homens”, enquanto na edição de Lisboa termina com as seguintes palavras: “Utilizando o privilégio de serem investidos do verbo, os poetas da “noite grávida dos punhais” exprimiram, até às suas derradeiras consequências, os sentimentos informulados que agitavam as massas, dominaram os elementos culturais da afirmação nacional através do grito, do *canto* e do *apelo*. Atores sociais no ato cultural por excelência, a luta armada, formularam então um novo discurso poético. Nos dois momentos, os poetas universalizaram os signos da luta pela independência nacional.” (7)

É também de 1975 a edição em Lisboa do 1º volume de *No Reino de Caliban* (antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa), englobando os autores de Cabo Verde e Guiné (Bissau); em 1976, saíu o 2º volume, com textos de poetas de Angola e São Tomé e Príncipe (8), ambos organizados, selecionados, prefaciados e anotados por Manoel Ferreira, notável ensaísta e autor de vários livros de ficção caboverdeana (9). Falta publicar o 3º volume, que será dedicado a Moçambique.

No volume inaugural da sua ampla antologia, M. Ferreira fez um histórico das coletâneas aparecidas nos últimos decênios e, após destacar o caderno pioneiro de Tenreiro e Andrade, desenvolve um pormenorizado estudo do que ele designa por “uma aventura desconhecida”, apresentando, a certa altura, uma curiosa estatística sobre a literatura dos países africanos de expressão portuguesa: em Angola, recenseou 19 poetas euro-africanos, 13 europeus, 15 mestiços e 2 negros; em São Tomé e Príncipe, 5 mestiços e 2 negros. No total, 101 poetas (sem incluir 37 caboverdeanos), conta que sugere ao ensaísta as seguintes observações: 1) os poetas brancos dominam quase dois terços (62%) do espaço poético e, destes, quase metade (26%) são europeus radicados; 2) dos 40% que cabem aos poetas de cor, apenas 6% são negros; 3) em São Tomé, os poetas são todos de cor (três quartos mestiços), enquanto para Angola

constituem menos de metade, embora mais do que um terço, e para Moçambique apenas um quarto: 4) o único poeta da Guiné (Bissau) é negro. (10)

Estas informações poderiam levar-nos a considerações extra-literárias, mas vale a pena destacar o fato de que as literaturas africanas estão acima de quaisquer discriminações de pele, e isso é ótimo. Há outro aspecto que deve ser, no entanto, observado: alguns dos poetas antologiadados ou já morreram ou abandonaram os países onde viviam, além de que um terceiro grupo se retirou da ação literária (vários deles assumiram cargos oficiais após as independências), nos últimos anos. De fato, se pensarmos no todo, isto é, nos poetas, ensaístas e ficcionistas, teremos de apontar o desaparecimento de Castro Soromenho, que foi com certeza um dos maiores escritores angolanos, apesar de nascido em Moçambique; mas foi em Angola que baseou a sua obra, ainda que tenha vivido depois em Portugal, na França e no Brasil, onde morreu. E é de Angola que nos têm chegado as obras de outro dos seus autores mais representativos, Luandino Vieira. Dos restantes poetas e prosadores dos cinco jovens países as notícias têm sido escassas — o que pode pressupor uma compreensão expectativa, uma reflexão e uma reformulação das atividades literárias, depois que tanta coisa mudou, nas antigas colônias portuguesas, política, econômica e culturalmente.

Com prefácio e notas de Pires Laranjeira, foi também editada em Portugal uma *Antologia da Poesia Pré-Angolana* (11), reproduzindo os autores já conhecidos (a coletânea de M. Ferreira é bem mais ampla); a introdução é tão polêmica quanto discutível, por ser excessivamente política, ao ponto de se referir a Tomás Vieira da Cruz (1900/1960) como “pseudo-poeta”, tão somente porque ele não foi revolucionário, enquanto Manuel Ferreira viu na obra de T. V. da Cruz “a etapa preliminar para a criação de uma poesia de raiz angolana”. Realmente, ele cantou o exotismo africano, mas com tanta sinceridade como cantou o amor, que é universal. E não mais se poderia pedir de quem passou por África e a viu com olhos europeus (outro grande poeta português, Antônio de Navarro, fez o mesmo em um dos seus livros, e nem por isso se desmereceu; a diferença é que Tomás Vieira da Cruz se inspirou sempre nos motivos angolanos, que exaltou romanticamente — e lá deixou um filho, o poeta Tomás Jorge Vieira da Cruz).

Seria talvez imodéstia não referir aqui os *Poetas e Contistas Africanos de Expressão Portuguesa*, que foi obra pioneira no Brasil, pois apareceu em 1963 (12). A estrutura que demos aos textos poéticos não se afasta muito de Andrade nem de Ferreira, pois de Cabo Verde incluímos Jorge Barbosa, Oswald Alcantara, Aguinaldo Fonseca, Arnaldo França, Jorge Pedro Barbosa, Ovídio Martins e Antônio Mendes Cardoso. Da Guiné, selecionamos Antônio Baticã Ferreira e Terêncio Anahory. De São Tomé e Príncipe, antologiamos Costa Alegre, Tomás Medeiros, Maria Manuela Margarido, Francisco José Tenreiro e Alda do Espírito Santo. De Angola, escolhemos poemas de Tomás Vieira da Cruz, Agostinho Neto, Antônio Jacinto, Viriato da Cruz, Geraldo Bessa Victor, Mário Antônio, Alexandre Dáskalos, Alda Lara, Antônio Cardoso e Costa Andrade. E, entre os poetas moçambicanos, recolhemos poemas de Rui de Noronha, Reinaldo Ferreira, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui

Knopfli, Albuquerque Freire, Duarte Galvão, Rui Nogar, Glória de Sant'Ana e Ilídio Rocha.

Na parte de ficção, destacamos em Cabo Verde contos de Antônio Aurélio Gançalves, Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Gabriel Mariano. Representando a Guiné (Bissau), Fausto Duarte e Alexandre Barbosa. De São Tomé e Príncipe, incluímos Fernando Reis. De Angola, antologiamos Castro Soromenho, Oscar Ribas, Cochat Osório, Luandino Vieira e Artur Carlos Pestana. E de Moçambique, divulgamos os ficcionistas Rodrigues Júnior, Guilherme de Melo, Nuno Bermudes, Antônio de Almeida Santos e Vieira Simões. (13)

Quanto ao que escrevemos há mais de 15 anos, não alteramos nada, podendo repetir o que dissemos no prefácio aos *Poetas e Contistas Africanos*: “O que nos importou, na seleção dos contos e poemas africanos de expressão portuguesa, foi que cada autor definisse ou que, pelo menos, tentasse definir a realidade envolvente. Só essa autenticidade literária – refletida na paisagem humana de Cabo Verde ou da Guiné, de São Tomé e Príncipe ou de Angola e Moçambique – é que verdadeiramente nos interessou.”

Mencionando as iniciativas de maior realce, deveremos referir a recente publicação em São Paulo de um ensaio, *A Sociedade Angolana através da Literatura*, de Fernando Mourão. (14) Trata-se de obra de consulta indispensável aos que pretendam documentar-se sobre as letras angolanas, e em especial a respeito da obra de Castro Soromenho. Com efeito, o professor Mourão revela-nos fatos e documentos que pela sua proximidade sociológica e histórica escapam por vezes à atenção dos estudiosos da Literatura.

Chegou o momento de dizer que as literaturas africanas de expressão portuguesa estão no início de uma nova fase, talvez a “linguagem nova do futuro”. Primeiro, elas definiram, como observou Manuel Ferreira, uma consciência regional, depois refletiram uma consciência política e, em seguida, uma estrutura ideológica. Mas pouco importa a catalogação, nem tampouco se os intervenientes destas literaturas “são negros, mestiços e brancos. Brancos nascidos em África e que grudaram ao seu destino histórico. Brancos que tendo ido para África de tenra idade ou na sua juventude dela fizeram sua terra de adoção e, agora, após a independência sua pátria”, o que, como acentua o ensaísta, constitui a “prova provada de que a cor da pele é uma categoria extra-literária”. (15) Assim seja!

Poderemos confiar no futuro? Os cinco jovens países africanos adotaram o português como língua oficial. Vão mantê-la? Manuel Ferreira cita um promissor artigo da revista angolana *Novembro* (edição de 11 de novembro de 1976), assinado por J. Diangola: “Com a subida de cinco nações africanas de expressão portuguesa ao cenário da política mundial, a nossa língua passou a ser, também, língua oficial da Organização da Unidade Africana. Isto significa que os nossos representantes podem chegar a uma assembléia da OUA e fazerem as suas intervenções em português. Isto significa ainda que podemos e devemos lutar para que a Língua Portuguesa seja adotada como língua oficial de outros organismos internacionais como forma de expressão de cerca de 200 milhões (15) de homens: engolanos, guinéus, caboverdeanos, santomeneses, moçambicanos, timorenses, goeses, brasileiros e portugueses.” E ponde-

rou ainda o articulista angolano: “Her damos o português como expressão cultural e ele faz parte da nossa própria cultura. De acordo com dados estatísticos da Unesco, o português é a língua que apresenta maior índice de expansão no mundo. Respeitar a sua pureza e reforçar a sua vitalidade é uma das regras do jogo. Parece bem claro.” Claro e esperançoso. E vale a pena acreditar, porque tudo vale a pena, quando se crê.

NOTAS:

- (1) Além dos cinco países africanos, as estimativas indicam que a população brasileira atingirá este ano 116.393.100 habitantes e que a de Portugal chegará aos 10 milhões. Aos quase 17 milhões de africanos de língua portuguesa, devem somar-se 350 mil habitantes de Macau, 660 mil timorenses, 600 mil de Goa, Damão e Diu e os 2.500.000 imigrantes portugueses dispersos pelo mundo. O total é de 147.483.100 pessoas.
- (2) As línguas faladas na Guiné (Bissau) fazem parte do grupo sudanês, distinguindo-se as ocidentais atlânticas e as mandé; das primeiras, as mais importantes são nalu, balanta, manjaco (manjaco, papel e brame), beafada, bijagó, djola (felupe e baiote) e o fula; das segundas, mencionam-se o sominké, malinké-banbarã-djula e mandé fu (soosso).
- (3) São 11 as principais divisões etno-lingüísticas angolanas.
- (4) Os agrupamentos lingüísticos moçambicanos são 15, com 24 subgrupos e 57 dialetos.
- (5) Vidé nota 1, com a estimativa do nº de pessoas que em todo o mundo falam o português.
- (6) Ed. Pierre Jean Oswald.
- (7) Ed. Seara Nova, Lisboa, 1975.
- (8) Ed. Seara Nova, Lisboa, 1975 e 1976.
- (9) Entre as principais obras de Manuel Ferreira, indicam-se os contos de *Morna* (1948) e *Morabeza* (1958), os romances *Hora di Bai* (1962) e *Voz de Prisão* (1971) e *Aventura Crioula* (1967), um dos mais importantes estudos sobre as letras caboverdeanas. Importantes são ainda a antologia *No Reino de Caliban* (em 3 volumes, estando já publicados 2) e o ensaio *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (2 vols., edição do Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977).
- (10) Temos notícia de que foi recentemente publicada na capital guinéia *A nova poesia da Guiné (Bissau)*, reunindo trabalhos de 14 autores, que se proclamam “jovens trabalhadores no campo da poesia”.
- (11) Ed. Afrontamento, Porto, 1976.
- (12) Ed. Brasiliense, São Paulo, 1963.
- (13) É preciso consultar as antologias em prosa de Amândio César: *Contistas Portugueses do Ultramar*. (1969, em 2 volumes) e *Antologia do Conto Ultramar* (1972).
- (14) Editora Ática, São Paulo, 1978.
- (15) *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, ensaio, 2 volumes, ed. Instituto de Cultura Portuguesa (Biblioteca Breve), Lisboa, 1977.
- (16) Cf. nota 1.